

## DIVERGÊNCIAS CONVERGENTES: ANÁLISE DOS EMBATES HISTORIOGRÁFICOS ENTRE ANTON BLOK E ERIC HOBSBAWM ACERCA DO BANDITISMO SOCIAL

CONVERGING DIVERGENCES: ANALYSIS OF THE HISTORIOGRAPHY  
DISPUTES BETWEEN ANTON BLOK AND ERIC HOBSBAWM ABOUT SOCIAL  
BANDITISM

Vitor Nunes da Silva<sup>1</sup> & Bruno Gonçalves Alvaro<sup>2</sup>

**RESUMO:** Este artigo busca evidenciar o embate entre dois pesquisadores que durante sua carreira analisaram o fenômeno da revolta social em sociedades rurais. Eric Hobsbawm assumiu uma visão globalizante acerca dos fenômenos banditistas e buscou elaborar um conceito que unia os diferentes grupos bandidos ao redor do mundo. Anton Blok, por outro lado, os observou tanto como um mecanismo de manutenção da ordem existente quanto uma prática alinhada a ideologia dominante. O confronto travado pelos cientistas foi frutífero aos estudos das revoltas camponesas, estabelecendo limites teóricos e servindo como referências àqueles que buscam comparar sociedades distintas ou entender as representações acerca de grupos marginalizados. Nesse sentido, este trabalho apresentará ambas as visões acerca do *Banditismo Social*, expondo o debate traçado entre os autores e propondo um encontro entre suas teorias.

**Palavras-chave:** Banditismo Social; Revoltas Camponesas; Historiografia.

**ABSTRACT:** This article seeks to evidence the disputes between two researchers who analyzed the phenomenon of social protest in rural societies. On the one hand, Eric Hobsbawm took a globalizing view of banditry phenomena and elaborated a concept that united the different bandit groups around the globe. On the other hand, Anton Blok observed them as a mechanism that maintained the established order and some practices aligned to the dominant ideology. The confrontation waged by these scientists had been fruitful in the studies of peasant protests, established theoretical limits, and became references to researchers who seek to compare different societies or understand representations about marginalized groups. In this sense, this work will present both views on Social Banditry, exposing the debate between the authors and proposing a meeting between their theories.

**Keywords:** Social Banditry; Historiography; Peasant Revolt.

### INTRODUÇÃO

Os estudos acerca do *Banditismo Social* se iniciaram a partir dos trabalhos de Eric Hobsbawm. Seguindo os conceitos esboçados por Fernand Braudel (1949), o autor inglês analisou a literatura popular de diversas sociedades camponesas e observou um modelo de

---

<sup>1</sup> Graduando em História pela Universidade Federal de Sergipe, integrante do Domínum: Estudos sobre Sociedades Senhoriais (CNPq-UFS). E-mail: vitorndsilva@outlook.com - Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8238234427135527>

<sup>2</sup> Doutor em História Comparada pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Docente do Programa de Pós-Graduação em História e do Departamento de História da Universidade Federal de Sergipe. E-mail: [brunoalvaro@yahoo.com.br](mailto:brunoalvaro@yahoo.com.br).

criminalidade endêmica em regiões rurais. Primeiro em *Primitive Rebels* (1957) e posteriormente em *Bandits*<sup>3</sup> (1969).

Hobsbawm discorreu acerca do *Banditismo* a partir da Idade Média e como a modernização fez surgir, no campo, grupos armados autônomos que utilizaram da Violência para combater a opressão e o fim das tradições.

Sua análise é tanto um estudo político quanto social. O autor nos permite observar os tensionamentos e negociações entre as forças que oprimem e aquelas que se recusam a obedecer enquanto dialoga com teorias marxistas, onde o conflito de classes tem papel definidor. A partir da disputa entre a sociedade tradicional e o processo de modernização, Hobsbawm separa a história do *Banditismo Social* em 3 períodos: seu nascimento – quando as sociedades tradicionais passam a fazer parte da sociedade de classes; sua transformação – a partir da ascensão do capitalismo local e mundial; e sua longa trajetória sob Estados e regimes sociais intermediários.

Tal modelo defende que os Bandidos Sociais se inseriram dentro dos limites da ordem moral da comunidade camponesa e foram vistos como heróis por desafiarem as imoralidades dos senhores de terra e dos representantes do Estado. No entanto, ao buscar adaptar suas evidências a este modelo de mobilização política, Hobsbawm esteve sujeito a questionamentos que apontaram as generalizações de sua tese. Seu principal crítico foi o antropólogo holandês Anton Blok (1972), que apontou como Hobsbawm constantemente definiu os bandidos como indivíduos únicos da sociedade camponesa, fruto da revolta servil contra os latifundiários e o Estado. Nesse sentido, para Blok (1972), os conflitos de classe e o *Banditismo* ganharam muita ênfase no debate historiográfico e ignoraram o aspecto ambíguo da relação entre bandidos e camponeses. Tal ambiguidade só poderia ser compreendida, portanto, ao traçar as complexas relações entre camponeses, senhores e bandidos e distinguindo-se os grupos de referência diretos de suas representações.

---

<sup>3</sup> *Bandits* foi publicado originalmente em 1969 pela Delacorte Press e analisamos neste artigo a 5ª edição brasileira, publicada em 2017 pela editora Paz e Terra. *Primitive Rebels* por sua vez foi publicado originalmente em 1959 pela Manchester University Press e analisamos neste artigo sua 3ª edição espanhola, publicada em 1983 pela Editorial Ariel.

## **BLOK X HOBSBAWM: QUESTIONAMENTOS EM CONSTRUÇÃO**

As mudanças sociais após a reconstrução europeia nos anos 1950 geraram uma nova intelectualidade ocidental. Este grupo esteve atento ao fortalecimento da URSS na política internacional, ao aumento de sua influência sobre os países subdesenvolvidos e às consequências do capitalismo industrial sobre as sociedades periféricas. É neste contexto político-cultural que Eric John Ernest Hobsbawm desenvolveu seus trabalhos. Nascido em 1917 em Alexandria, Egito, mudou-se para Berlim em 1931 e, com a ascensão de Hitler ao poder, imigrou para Londres em 1933 onde foi bolsista na Universidade de Cambridge. Nos anos 1960, ingressou no grupo de marxistas britânicos que buscavam entender a história da organização das classes populares, suas lutas e ideologias, através da chamada História Social.

Neste grupo estavam Christopher Hill, Rodney Hilton e Edward Thompson, historiadores insatisfeitos com o stalinismo e que criticavam as interpretações economicistas da História, a relação de hiper dependência da base sobre a estrutura, a explicação da superestrutura a partir dos interesses de classe, a noção de inevitabilidade histórica e a concentração da investigação histórica nos interesses de Marx e dos movimentos sociais ligados a ele. Neste sentido, os modos de produção não poderiam ser resumidos apenas às esferas produtivas da economia, do trabalho e das relações sociais durante a fabricação de produtos e mercadorias. Portanto, não há uma base econômica que determine a cultura de forma hierárquica, mas sim sujeitos que, em suas relações sociais com os outros e com o ambiente, produzem cultura.

Hobsbawm, por sua vez, desenvolveu trabalhos globalizantes sobre a história do trabalho e dos movimentos revolucionários na contemporaneidade. Em 1959 publicou *Primitive Rebels*, uma análise acerca das revoltas camponesas, seus modos de mobilização social e o caráter primitivos destes protestos:

Además, se trata de gentes prepolíticas que todavía no han dado, o acaban de dar, con un lenguaje específico en el que expresar sus aspiraciones tocantes al mundo. Pese a que por ello sus movimientos participan muchas veces de la ceguera y de la inseguridad del terreno en que se mueven, cuando se les compara con los que llamamos modernos, ni carecen de importancia ni son marginales. Hombres y mujeres como los que forman el objeto de este libro constituyen la gran mayoría de muchos, acaso los más, países aún en la actualidad, y la adquisición por su parte de la conciencia política ha hecho de nuestro siglo el más revolucionario de la historia (HOBSBAWM, 1983, p. 11-12).

Neste trabalho as revoltas sociais foram caracterizadas em três grupos: Os movimentos milenaristas, os revolucionários sectários e as formas não revolucionárias de protesto social. Neste último estão inseridos os bandidos sociais, tema aprofundado em *Bandits*, Publicado dez

anos após *Primitive Rebels* e que observa como a modernização fez surgir, em sociedades rurais, grupos armados autônomos que utilizaram da violência para combater a opressão e proteger valores e tradições.

Entendendo o *Banditismo* enquanto movimento pré-político presente em diversas sociedades camponesas, o autor dividiu os Bandidos em três categorias: O Ladrão Nobre (inspirado em Robin Hood e idealizado como humilde e bondoso, um paladino que corrige os erros e luta pela equidade social); Os Vingadores (que possuem características heroicas, mas que utilizam da violência em demasia e constroem para si um universo ético próprio) e os Haiduks (indivíduos sem compromisso imediato com a rebelião, mas que constantemente combatiam a serviço de senhores rurais e do Estado em troca de reconhecimento).

Em *Bandidos* (1969), o meio rural é analisado como espaço propício para a existência de grupos armados que – devido à falta de um mercado de trabalho que abarque a mão de obra local em sua totalidade – se associam à criminalidade como forma de sobrevivência e de combate à opressão. Estes bandos se avolumam durante os períodos de crise, se alicerçam ao meio rural e, unidos ao milenarismo e ao messianismo, ao invés de romper com a ordem tradicional de opressão, se aliam a ela. Tornam-se, portanto, produto da vida camponesa, colhendo apoio de grupos antagônicos e sustentando um determinado tipo de sociedade:

Isso porque o fato crucial na situação social do bandido é sua ambiguidade. Ele é um marginal e um rebelde; um homem pobre que se recusa a aceitar os papéis normais da pobreza, e que firma sua liberdade através dos únicos recursos ao alcance dos pobres — a força, a bravura, a astúcia e a determinação. Isto o aproxima dos pobres: ele é um deles também. Coloca-o em oposição à hierarquia dos detentores do poder, riqueza e influência. [...] Nada transformará um salteador rural em “fidalgo”, pois nas sociedades em que floresce o *Banditismo*, a nobreza e a burguesia endinheirada não são recrutadas entre a plebe. Ao mesmo tempo, porém, o bandido é inevitavelmente arrastado à trama da riqueza e do poder porque, ao contrário dos outros camponeses, ele adquire àquela e exerce este. Ele é “um de nós” constantemente envolvido no processo de associar-se a “eles”. Quanto mais bem-sucedido é um bandido, tanto mais ele é ao mesmo tempo um representante e paladino dos pobres e parte integrante do sistema dos ricos (HOBSBAWM, 2017, p. 115-116).

Antagonizando este modelo de *Banditismo Social*, Anton Blok iniciou, em 1972, um intenso debate com Hobsbawm. Antropólogo e professor da Universidade de Amsterdã, Blok se dedicou ao estudo de temas como a violência, conflitos rurais, patronato, *Banditismo* e dominação. Durante sua carreira, se debruçou sobre a história da Sicília e das máfias italianas

defendendo pesquisas que partem dos objetos de estudo e que posteriormente alcançam a implicações políticas ligadas a eles.<sup>4</sup>

Suas publicações na *Comparative Studies in Society and History*<sup>5</sup> se propuseram a revisar o modelo de *Banditismo Social* enquanto um movimento de mobilização política dos camponeses frente a opressão. Para o autor, os conflitos de classe e o *Banditismo* ganharam muita ênfase no debate historiográfico ignorando as ambiguidades da relação entre bandidos, camponeses e senhores de terras. Em sua análise, o autor defende que, para entender tais ambiguidades, é necessário observar as relações entre estes grupos e distingui-los entre suas referências diretas e construídas.

Blok (1972) aponta para as constantes generalizações presentes em *Bandidos* (1969): “Ele afirma que o *banditismo social* é um fenômeno universal e praticamente imutável que incorpora uma forma muito primitiva de protesto social organizado de camponeses contra a opressão”<sup>6</sup> (BLOK, 1972, p. 494). Para ele, Hobsbawm busca a todo momento provar seu ponto – o de que os bandidos são indivíduos únicos na sociedade camponesa, fruto da revolta servil contra os latifundiários e o Estado – e, portanto, desconsidera as evidências que o contradizem. Dessa forma, propondo uma revisão neste modelo, Blok aponta que as ações dos bandidos criaram uma atmosfera de medo que permitiu o controle sobre os camponeses e impossibilitou a mobilização social destes. Por meio da violência e da intimidação, os bandidos assumiram um papel fundamental na despolitização do campesinato:

Se entendermos a mobilização política enquanto um processo pelo qual as pessoas alcançam um maior controle sobre as condições sociais que moldam suas vidas, pode-se afirmar que os bandidos não parecem os agentes apropriados para transformar qualquer capacidade organizacional entre os camponeses em uma força política eficaz. Em vez de promover a articulação dos interesses camponeses em um contexto nacional, bandidos tendem a obstruir ou desviar a ação coletiva camponesa. (BLOK, 1972, p. 496)<sup>7</sup>

Sua análise propõe que os estudos sobre o *Banditismo* fujam de romantizações e não se limitem à mobilização política e ao protesto social e dialoguem com todo o complexo universo

---

<sup>4</sup> SUNIER, T.; VERKAAIK, O.; BLOK, A. **Serendipity and the Art of Fieldwork: Interview with Anton Blok**. Holanda: Stichting Etnofoor, Vol. 18, No. 2, DUTCH MASTERS, 2005. pp. 105-123.

<sup>5</sup> BLOK, A. The Peasant and the Brigand: Social Banditry Reconsidered. **Comparative Studies in Society and History**, Cambridge, 14, n. 4, 1972. 494-503.

<sup>6</sup> He claims that social banditry is a universal and virtually unchanging phenomenon which embodies a rather primitive form of organized social protest of peasants against oppression (Tradução nossa)

<sup>7</sup> If we agree on political mobilization as a process through which people seek to acquire more control over the social conditions that shape their lives, it may be argued that bandits do not seem the appropriate agents to transform any organizational capacity among peasants into a politically effective force. Rather than promoting the articulation of peasant interests within a national context, bandits tend to obstruct or to deviate concerted peasant action. (Tradução nossa)

que cerca este conceito. Partindo da relação entre camponeses, senhores de terra e bandidos é possível delimitar os tipos sociais e excluir aqueles que o próprio Hobsbawm não considerou como Bandidos Sociais – ladrões urbanos; criminosos rurais que não são camponeses (como bandidos da baixa “nobreza”); invasores que formam uma comunidade própria, como os Beduínos; gangues como a Máfia; Jagunços; e os clássicos bandidos vingança de sangue (HOBSBAWM, 1969, p. 13-14).

O recorte nos objetos de estudo possibilita entender que a ambiguidade nas relações camponesas permitiu a ascensão de alguns grupos e a consequente opressão de outros. Tal ambiguidade pode ser facilmente interpretada como contradição, mas é parte fundamental das relações entre os grupos e indivíduos inseridos em uma sociedade senhorial. Tanto Hobsbawm quanto Blok entenderam tais contradições, no entanto, divergiram quanto a seus impactos e proporções. Enquanto o primeiro defendeu que o surgimento destes bandidos sociais é natural e fruto da ambiguidade: “Quanto mais bem-sucedido é um bandido, tanto mais ele é ao mesmo tempo um representante e paladino dos pobres e parte integrante do sistema dos ricos” (HOBSBAWM, 1969, p. 76), o segundo argumentou que o comportamento bandido não pode ser entendido apenas na sua relação com o campesinato, mas como parte de um contexto social mais amplo:

O que parece errado com a percepção de Hobsbawm sobre o *Banditismo* é sua atenção excessiva aos camponeses e aos próprios bandidos. Antes de olhar para eles, é necessário olhar para a sociedade maior em que as comunidades camponesas estão contidas (BLOK, 1972, 498)<sup>8</sup>

Blok rejeita a ideia de que os bandidos sociais dependiam do auxílio camponês para sobreviver e assume que seus interesses estavam voltados primariamente para os grandes proprietários de terras e políticos poderosos. Sua proteção dependeria, portanto, do apoio do poder dominante e, nesta realidade, os camponeses seriam o elo mais fraco.

O foco de pesquisa de Blok são os bandidos sicilianos e é a partir deste que o autor desenvolve sua crítica, demonstrando como as conexões entre os bandidos e o poder dominante levaram a práticas denominadas por ele de “antissociais”. O poder senhorial nestas regiões levou a manipulação dos grupos de bandidos que, diferente do que é defendido por Hobsbawm, não buscavam uma luta contra a opressão, mas lutavam contra as mobilizações políticas camponesas. Isto era feito, segundo Blok, de duas maneiras: “primeiro, reprimindo a

---

<sup>8</sup> What seems wrong with Hobsbawm's perception of brigandage is that it pays too much attention to the peasants and the bandits themselves. Before looking at them, it is necessary to look at the larger society in which peasant communities are contained. (Tradução nossa)

ação camponesa coletiva através do terror; segundo, traçando caminhos para a ascensão social que, como muitos outros laços verticais em sociedades camponesas, tendem a enfraquecer as tensões de classe” (BLOK, 1972, p. 500)<sup>9</sup>.

Blok acredita que para compreender os bandidos precisamos entender quem ou o que as sociedades idealizam como tal. Para isso ele se refere às ideias de Elizabeth Bott (1964)<sup>10</sup> que define uma distinção entre grupos de referência diretos e construídos. Os primeiros são grupos verdadeiros, com normas internalizadas pelos indivíduos; os segundos se referem a um conceito ou categoria social. A noção de bandido social criada por Hobsbawm está mais para uma representação, uma construção conceitual já que representa aspirações de determinados grupos. Essas aspirações se solidificaram e se transformaram em um campo mitológico criado a partir do medo – praticado pelos bandidos a partir da violência psicológica e material – e do respeito – construído a partir da ascensão social e econômica de determinados indivíduos e de sua manutenção de valores exaltados pela comunidade.

As discussões entre os autores se estenderam durante todo o século XX em edições da *Comparative Studies in Society and History* e em edições posteriores de *Bandits e Primitive Rebels*. Em 2000, Hobsbawm retomou as críticas ao seu modelo e, acerca das críticas de Blok, o autor reafirmou que o *Banditismo Social* é uma aspiração da população camponesa, que transforma bandidos em heróis, à medida em que a violência é direcionada aos opressores. Entretanto, a menos que gozassem de proteção da comunidade local, esses bandidos, que começavam corrigindo injustiças sociais, eram cooptados e coagidos pelos poderes de mando regional. Dessa forma, Hobsbawm entende as limitações de seu modelo e observa a necessidade de se analisar o *Banditismo* enquanto fenômeno político:

Não obstante, parece-me que Blok acerta quando diz que “o erro na percepção do *Banditismo* por parte de Hobsbawm é que ele presta demasiada atenção aos camponeses e aos próprios bandidos”, isto é, não presta atenção suficiente à sociedade em geral e a suas estruturas de poder e política. De modo algum negligenciei essas questões em meu livro (por exemplo, no capítulo 7), e fiz um ligeiro esboço de um quadro mais amplo de análise histórica. Entretanto, como eu mesmo observei em outro texto, “é possível que um modelo que se concentre na função — real ou atribuída — do protesto social do bandido não seja o quadro mais apropriado para [...] a análise [...] uma vez que esse quadro deve considerar a totalidade do fenômeno, possa ser ele classificado como protesto social ou não. [...] O *Banditismo*, é claro, não pode ser entendido fora do contexto da política. (HOBBSAWM, 2017, p. 196).

---

<sup>9</sup> first, by putting down collective peasant action through terror; second, by carving out avenues of upward mobility which, like many other vertical bonds in peasant societies, tend to weaken class tensions. (Tradução nossa)

<sup>10</sup> BOTT, Elizabeth. **Family and Social Network**. London: Tavistock, 1964.

Acerca das generalizações e das tentativas de assumir um heroísmo inerente a alguns bandidos o autor afirma que seu modelo não propõe que todo bandido camponês seja social ou heroico, mas que no campo surgem tais figuras que lutam contra as injustiças sociais. Além disto, ele acredita que o mito do bandido não se limita à zona rural, mas envolve indivíduos de outras regiões, sempre servindo como motor para a insatisfação e a luta pela redistribuição de renda. Em sociedades europeias do século XIX os bandidos foram associados aos marginais, mendicantes e forasteiros e seus atos foram julgados pelas lentes do período, onde a religião foi a principal régua moral e não havia separação entre os atos e os indivíduos.

Portanto, estudar o *Banditismo* é compreender as diferenças entre os bandidos sociais e os bandidos comuns. Estas variedades são construídas pelas sociedades em seus respectivos tempos históricos, delimitando, em todas elas, tipos de bandidos "bons" e "maus", contudo:

A distinção entre atos que são e que não são considerados antissociais pode variar bastante segundo o momento, o lugar e o ambiente social, mas existe em todas as sociedades. Em certos casos é possível que normalmente se reconheçam circunstâncias atenuantes para atos considerados antissociais ou "imorais", e entre os pobres e os fracos ou as pessoas que se solidarizam com eles essas circunstâncias atenuantes podem ser ainda mais generosas: mas isso não muda o caráter antissocial de tais atos. Algumas sociedades são mais tolerantes do que outras. Entretanto, todas reconhecem a diferença entre o que é "criminoso" (imoral) e o que não é. A confusão surge entre os observadores que aplicam os critérios de outras épocas e outros lugares, ou de outros grupos sociais (inclusive das "autoridades"); e os pesquisadores que tentam definir uma analogia entre o *Banditismo Social* e o comum às vezes incorrem nessa confusão (HOBSBAWM, 2017, p. 204-205).

## **NOVAS CRÍTICAS, NOVAS CONSTRUÇÕES**

As disputas acerca do conceito de *Banditismo Social* se estenderam nos anos seguintes em autores como Richard Slatta (1991) e Saint-Cassia (2001). O primeiro defendeu que valorizar demais os dados oficiais e ignorar as fontes populares e a história oral é prejudicial aos estudos sobre *Banditismo*. No entanto, a supervalorização das canções, mitos e tradições pode também limitar as pesquisas sobre o tema. Estes perigos, segundo o autor, estão nas armadilhas que a memória impõe sobre o trabalho do historiador, apagando ou acrescentando informações que levam a atalhos perigosos dentro da pesquisa. Saint-Cassia (2001), por sua vez, se referiu ao *Banditismo* como um fenômeno de sociedades não modernizadas ou em processo de modernização, mas defendeu que para entendê-lo é necessário particularizar a abordagem aplicada.

Ao se utilizar majoritariamente de fontes policiais ou jornalísticas para entender o *Banditismo*, historiadores tenderam a observar os bandidos como grupos subalternos a serem



combatidos. No entanto, o cotejamento e a comparação com fontes orais e relatos externos aos grupos dominantes ampliou a compreensão acerca deste fenômeno histórico. Nesse sentido, tanto Slatta (1991) quanto Saint-Cassia (2001) associaram o *Banditismo* a falta de controle do Estado nas regiões periféricas, sem esquecer da importância de relativizar a relação entre o Estado e o *Banditismo*. Ambos entendem que o termo *Bandido*, quando utilizado pelo Estado, caracterizou-se por uma forma de resistência violenta que só pôde ser combatida por outra forma igualmente brutal de repressão. Dessa forma, a permanência ou declínio do *Banditismo* em uma sociedade dependeu de uma complexa relação de variáveis:

Incluindo a estrutura social e a ecologia política de uma determinada região; a natureza e a distribuição da propriedade, do acúmulo de capital (sejam propriedades fixas ou bens variáveis e arriscados, como o gado) e os meios disponíveis para legitimá-lo; a presença ou ausência de confiança e sua relação com o desenvolvimento da sociedade civil; processos eleitorais subdesenvolvidos, que podem incentivar táticas de coerção; e a predominância de constante insegurança ao invés da miséria permanente em sociedades comunocêntricas, sendo o primeiro mais propício ao *Banditismo* (SAINT-CASSIA, 2001, p. 374)<sup>11</sup>

Desta forma, este artigo se propõe a buscar uma conciliação entre diferentes perspectivas acerca do *Banditismo Social*. Busca-se aqui uma correlação entre a noção de Bandidos feita por Hobsbawm (Rebeldes Sociais primitivos), oportunistas individuais (propostas pelo governo do período) e a de capangas cooptados por grandes proprietários rurais (assumida por Anton Blok). Neste sentido, concordamos com Gilbert Joseph (1990) de que a supervalorização dos trabalhos de Hobsbawm possa ser prejudicial para os estudo sobre o tema, pois limitar-se ao conceito de *Banditismo* pode impedir os pesquisadores de terem uma visão ampla e inovadora sobre a ação social camponesa e sua mentalidade. Seu retrato de um *Banditismo Social* como um fenômeno universal e virtualmente imutável levou a vulgarização da teoria e à uma vasta produção de narrativas que glorificaram bandidos heróis na América Latina e no resto do mundo.

Analisando casos fenômenos banditistas de forma particular, torna-se incontestável a ambiguidade da relação Bandidos – Camponeses – Senhores. Portanto, o revisionismo proposto pela Nova História Social dos anos 1970-80 por autores como Billy Jaynes Chandler (1978)<sup>12</sup>,

---

<sup>11</sup> Including the social structure and political ecology of a particular region; the nature and distribution of property and capital accumulation (whether landed or movable and precarious, such as livestock) and the means available to legitimate it; the presence or absence of trust and its relationship to the development of civil society; underdeveloped electoral processes, which may encourage strong-arm tactics; and the predominance of permanent insecurity rather than permanent misery at the grass roots, the former being more conducive to banditry. (Tradução nossa)

<sup>12</sup> CHANDLER, Billy Jaynes. **The Bandit King: Lampião of Brazil**. EUA: A & M Press, 1978.

Linda Lewin (1979)<sup>13</sup>, Paul Vanderwood (1981)<sup>14</sup> e Rosalie Schwartz (1989)<sup>15</sup> foram essenciais para entender as limitações do modelo de Hobsbawm. Tal revisionismo construiu uma matriz social particular e complexa acerca do *Banditismo Social* na América Latina. Um modelo mais efetivo para se pesquisar setores rurais remotos, com comunidades camponesas em crescimento e senhores de terras distantes pois, segundo Joseph (1990), os conceitos criados por Hobsbawm “foi inspirado principalmente por sua familiaridade com as sociedades mediterrâneas e europeias” (JOSEPH, 1990, p. 14)<sup>16</sup>.

A compreensão dos fenômenos banditistas perpassa, necessariamente, pela análise das representações e do uso da violência para legitimar a força em regiões camponesas. Entretanto, para se captar a dimensão desta violência é necessário diferenciá-la de atos performáticos e de um sistema de símbolos e ações que afetam o campo social em que os bandidos operam. É importante entender também que a cumplicidade dos camponeses não esteve sujeita apenas à violência e ao terror, mas também foi espontânea e lucrativa. Por exemplo, na edição do Diário da Manhã de Recife, do dia 12 de outubro de 1927 a manchete era: “Os cangaceiros e a Polícia – Como se faz um cangaceiro? Gavião e Ventania, dois ex-companheiros de Lampião, conversam sobre o *Banditismo*”, onde o editorial traz:

[...]Veja-se, de relance, o quadro desdoirante: vai uma força volante da polícia em perseguição a fugitivo bando de cangaceiros. Este, na retirada ou nos avanços, estacionou em villas e povoados, perdidos na rota dos scelerados. Filhos da mesma região, padecentes do mesmo mal de abandono official, quasi sempre os homens do cangaço respeitam a gente dos villarejos, distribuem com os pobres, a mão larga, o producto de saques anteriores, confraternizam com os "matutos" prestimosos, que lhes não atacam a retaguarda, nas retiradas. [...] Perdido nos ermos dos sertões, entregue a si mesmo, ao recurso de suas próprias eventualidades, tão desapoiado do resto do paiz que não conta com o seu auxilio, mediato ou immediato, o sertanejo não vacilla: acolhe a todos com a mesma bondade, bandidos ou caçadores de bandidos. O sertanejo, villipendiado nas suas mais queridas reservas de affectividade, vendo que o sabre do governo sangrou a carotida dos amigos e parentes, que o fusil da tropa alvejou, de golpe, a velha mãe doente ou filho engatinhante, alista-se nos grupos do cangaço. Abandona as lavouras e entra na lueta, fora da lei, contra o governo, que o infelicitou. Engrossando as fileiras irregulares dos bandidos ingressam, assim, e quasi diariamente, legiões de sertanejos – compellidos pelo nosso modo de policiaar a vida do crime (OS CANGACEIROS E A POLÍCIA..., 1927, p.2).

Se torna difícil distinguir entre as ações bandidas de cunho pessoal daquelas com objetivos políticos. Claro que os Bandidos buscaram associar todos os seus atos a ações

<sup>13</sup> LEWIN, Linda. **The oligarchical limitations of Social Banditry in Brazil: the case of the “good” thief Antonio Silvino**. Reino Unido: Past & Present, v. 82, Issue 1, February 1979. p. 116–146.

<sup>14</sup> VANDERWOOD Paul J. **Disorder and Progress: Bandits, Police, and Mexican Development**. EUA: University of Nebraska Press, 1981.

<sup>15</sup> SCHWARTZ, Rosalie. **Lawless Liberators: Political Banditry and Cuban Independence**. EUA: Duke University Press, 1989.

<sup>16</sup> was inspired primarily by his familiarity with Mediterranean and European societies. (Tradução nossa)

personalistas, sendo a retaliação violenta uma forma de justiça própria e que não deveria ser reportada ao Estado. Porém, em consequência disto, os representantes estatais – políticos, sociedade jurídica, imprensa – associavam o apoio camponês a um barbarismo que deveria ser extirpado e a uma fraqueza moral típica de indivíduos manipuláveis.

Essas representações construíram-se de forma torpe e indistinguível aos ideais parentescos tão relevantes às comunidades camponesas e ignoraram a dimensão moral da relação de cumplicidade entre bandidos e camponeses. Nesse sentido, Saint-Cassia (2001) dividiu estas ações em dois tipos: *expressiva* e *instrumental*. A análise de Hobsbawm seguiu a primeira interpretação, onde a violência é uma manifestação da rebeldia primitiva. Blok, por sua vez, observou a violência como um instrumento, que garantiu a submissão dos camponeses por meio de uma forma distinta de poder pessoal e de superioridade e que precisava ser constantemente reforçada. Atos de generosidade, bem-aventurança, imparcialidade e arbitrariedade seletiva contribuíram para uma valorização mítica do bandido ou mafioso, personalização que gerou respeito, empatia e um inalienável capital simbólico.

## **OS PONTOS DE ENCONTRO E A IMPORTÂNCIA DO DEBATE PARA A HISTORIOGRAFIA**

Acreditamos que, mesmo com a longa divergência, as ideias de Blok e Hobsbawm são similares, mas enxergam os fenômenos banditistas por prismas distintos. Dessa forma, suas interpretações podem servir a estudos futuros acerca do *Banditismo Social* e suas implicações políticas. Primeiramente, ambos entendem que as representações heroicas da consciência popular eram contraditórias ao verdadeiro comportamento dos bandidos. Nesse sentido, as análises acerca destes grupos precisam observar as complexidades das fontes historiográficas e se aproximar de fontes oficiais a medida em que as relaciona com fontes orais e representações populares. A historiografia brasileira acerca do Cangaço tem demonstrado como este distanciamento e olhar crítico em relação às representações anteriores sobre o *Banditismo* servem para estabelecer um panorama social mais amplo. Trabalhos com o de Frederico Pernambucano de Melo (2004) e Luitgarde Barros (2000) evidenciam a relação dúbia entre cangaceiros, camponeses e senhores de terra e os elementos particulares à sociedade nordestina, como a colonização, as crises agrárias e os movimentos milenaristas.

Outro ponto de encontro entre Blok e Hobsbawm é a importância dada às narrativas e representações para a solidificação de formas de protesto nas comunidades camponesas. Como

apontado por Ferreras (2003), em regiões de base agrícola, os tipos sertanejos serviram à construção da identidade nacional. O arquétipo da revolta sertaneja, seja ela coletiva – por meio das mobilizações camponesas – ou individual – muito utilizada na literatura romântica – serviu para apresentar a imagem dos bandidos como “pessoas violentas lutando contra o irreversível avanço da modernidade, identificadas com os valores patriarcais tradicionais e associadas à liberdade absoluta do bom selvagem” (FERRERAS, 2003, p. 211-212). Na América Latina houve um uso político destes “heróis” camponeses na construção da imagem do homem sertanejo e na proteção de valores tradicionais. Enquanto na Argentina os escritores encontraram no sertanejo um rebelde ideal contra a severidade dos regimes totalitários no Nordeste brasileiro tais representações serviram a formação de uma identidade regional. Nela, os cangaceiros, assim como o homem sertanejo, serviram a formação do “ser nordestino”, funcionando como arquétipo do macho ideal, defensor das tradições, em oposição à uma suposta modernização feminina. Neste sentido, tais arquétipos seriam definidos como um tipo tradicional:

um tipo voltado para a preservação de um passado regional que estaria desaparecendo. Um passado patriarcal, que estaria sendo substituído por uma sociedade "matriarcal", efeminada. o nordestino é definido como um homem que se situa na contramão do mundo moderno, que rejeita suas superficialidades, sua vida delicada, artificial, histórica. Um homem de costumes conservadores, rústicos, ásperos, masculinos. O nordestino é definido como um macho capaz de resgatar aquele patriarcalismo em crise, um ser viril capaz de retirar sua região da situação de passividade e subserviência em que se encontrava (ALBUQUERQUE, 2003, p. 150).

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Estudar o *Banditismo* é entender as limitações deste modelo e observar a matriz social complexa em que este fenômeno esteve inserido na América Latina. Além disto, é necessário reconhecer as perspectivas dos camponeses enquanto sujeitos nas mudanças políticas de suas sociedades e observar que suas consciências estão imersas em um processo histórico dinâmico, com forças políticas e sociais identificáveis e não em um processo ontológico de mentes pré-políticas como afirmado por Hobsbawm.

Neste sentido, trabalhos comparativos entre sociedades distintas, que observem as representações de grupos marginalizados, podem fazer bom uso deste conceito. O exercício comparativo propõe a busca por mecanismos de pensamentos observáveis entre elementos distintos a fim de entender o sistema que interliga estes traços sociais diversos. Definindo os núcleos conceituais próximos às sociedades estudadas, sem exercitar analogias simples entre

temas supostamente próximos. Assim, buscando mecanismos de pensamentos observáveis sem aproximações compulsórias entre elementos distintos é possível entender o sistema que interliga traços sociais diversos.

## REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Durval Muniz de. **Nordestino: uma invenção do falo – uma história do gênero masculino (Nordeste — 1920/1940)**. Maceió: Catavento, 2003.

BARROS, L. O. C. **Antropologia da honra: uma análise das guerras sertanejas**. Revista de Ciências Sociais, Fortaleza, v.29, n.1/2, 1998, p.160-168.

\_\_\_\_\_. **Cangaço - Violência no sertão do nordeste**. São Cristóvão: Ponta de Lança, v.12, n. 22, jan.-jun. 2018. pp. 63-77.

BIRKBECK, C. **Latin American Banditry as Peasant Resistance: A Dead-End Trail?**. Pittsburgh: The Latin American Studies Association - Latin American Research Review, v. 26, n. 1 (1991). pp. 156-160.

BLOK, A. **The Peasant and the Brigand: Social Banditry Reconsidered**. Cambridge: Cambridge University Press - Comparative Studies in Society and History, v. 14, n. 4, 1972. p. 494-503.

BLOK, A; SUNIER, T.; VERKAAIK, O. **Serendipity and the Art of Fieldwork: Interview with Anton Blok**. Holanda: Stichting Etnofoor, Vol. 18, No. 2, DUTCH MASTERS, 2005. pp. 105-123.

BOTT, Elizabeth. **Family and Social Network**. London: Tavistock, 1964.

CHANDLER, Billy Jaynes. **The Bandit King: Lampião of Brazil**. EUA: A & M Press, 1978.

FERRERAS, N. O. **Bandoleiros, cangaceiros e matreiros: revisão da historiografia sobre o Banditismo Social na América Latina**. São Paulo: História [online]. 2003, v. 22, n. 2, pp. 211-226.

HOBBSAWM, E. J. **Bandidos**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2017.

\_\_\_\_\_. **Rebeldes Primitivos: Estudio sobre las formas arcaicas de los movimientos sociales en los siglos XIX y XX**. Barcelona: Editorial Ariel, 1983.

\_\_\_\_\_. **Reply**. Cambridge: Cambridge University Press - Comparative Studies in Society and History, v. 14, n. 4.1972. p. 503-505.

JOSEPH, G. M. **"Resocializing" Latin American Banditry: A Reply**. Pittsburgh: The Latin American Studies Association - Latin American Research Review, v. 26, n. 1, 1991. pp. 161-174.

\_\_\_\_\_. **On the Trail of Latin American Bandits: A Reexamination of Peasant Resistance**. Pittsburgh: The Latin American Studies Association - Latin American Research Review, v. 25, n. 3, 1990. pp. 7-53.

LEWIN, Linda. **The oligarchical limitations of Social Banditry in Brazil: the case of the "good" thief Antonio Silvino**. Reino Unido: Past & Present, v. 82, Issue 1, February 1979. p. 116-146.

MELLO, F. P. **Aspectos do banditismo rural nordestino**. Recife: Ci. & Tióp. 1974.

\_\_\_\_\_. **Guerreiros do Sol: violência e banditismo no Nordeste do Brasil**. São Paulo: A Girafa, 5. Ed, 2011.

OS CANGACEIROS E A POLÍCIA – Como se faz um cangaceiro? Gavião e Ventania, dois ex-companheiros de Lampião. **Diário da Manhã**, Recife, ano 1, n. 150, p. 2, 12 de outubro de 1927.

PERICÁS, L. B. **Cangaço e banditismo social: breves considerações**. Campinas: RURIS - Rev. Cent. Estud. Rur. v. 9, n. 2. 2015. p. 45-61.

SAINT CASSIA, P. Banditry. In: STEARNS, P. **Encyclopedia of european social history from 1350 to 2000**. Nova York: Charles Scribner's Sons, 2001. pp. 373-382.

SANTOS, F. W. M. **A imagem do cangaço nos jornais cearenses (1920-1930)**. IN: ANPUH-Brasil – 30º Simpósio Nacional de História. Anais... Recife: UFPE, 2019. pp. 1-17. Disponível em:

[https://www.snh2019.anpuh.org/resources/anais/8/1565711907\\_ARQUIVO\\_REVISADOAN\\_PUHWILTONAIMAGEMDOCANGACONOSJORNAISCEARENSES.pdf](https://www.snh2019.anpuh.org/resources/anais/8/1565711907_ARQUIVO_REVISADOAN_PUHWILTONAIMAGEMDOCANGACONOSJORNAISCEARENSES.pdf). Acesso em: 31

de Agosto de 2020.

SCHWARTZ, Rosalie. **Lawless Liberators: Political Banditry and Cuban Independence**. EUA: Duke University Press, 1989.

SLATTA, R. Bandits and Rural Social History: A Comment on Joseph. Pittsburgh: The Latin American Studies Association - Latin American Research Review, v. 26, n. 1, 1991. pp. 145-151.

**Divergências convergentes: análise dos embates  
historiográficos entre Anton Blok e Eric Hobsbawn  
acerca do Banditismo Social**

**VITOR NUNES DA SILVA  
BRUNO GONÇALVES ALVARO**

VANDERWOOD Paul J. **Disorder and Progress: Bandits, Police, and Mexican Development.** EUA: University of Nebraska Press, 1981.